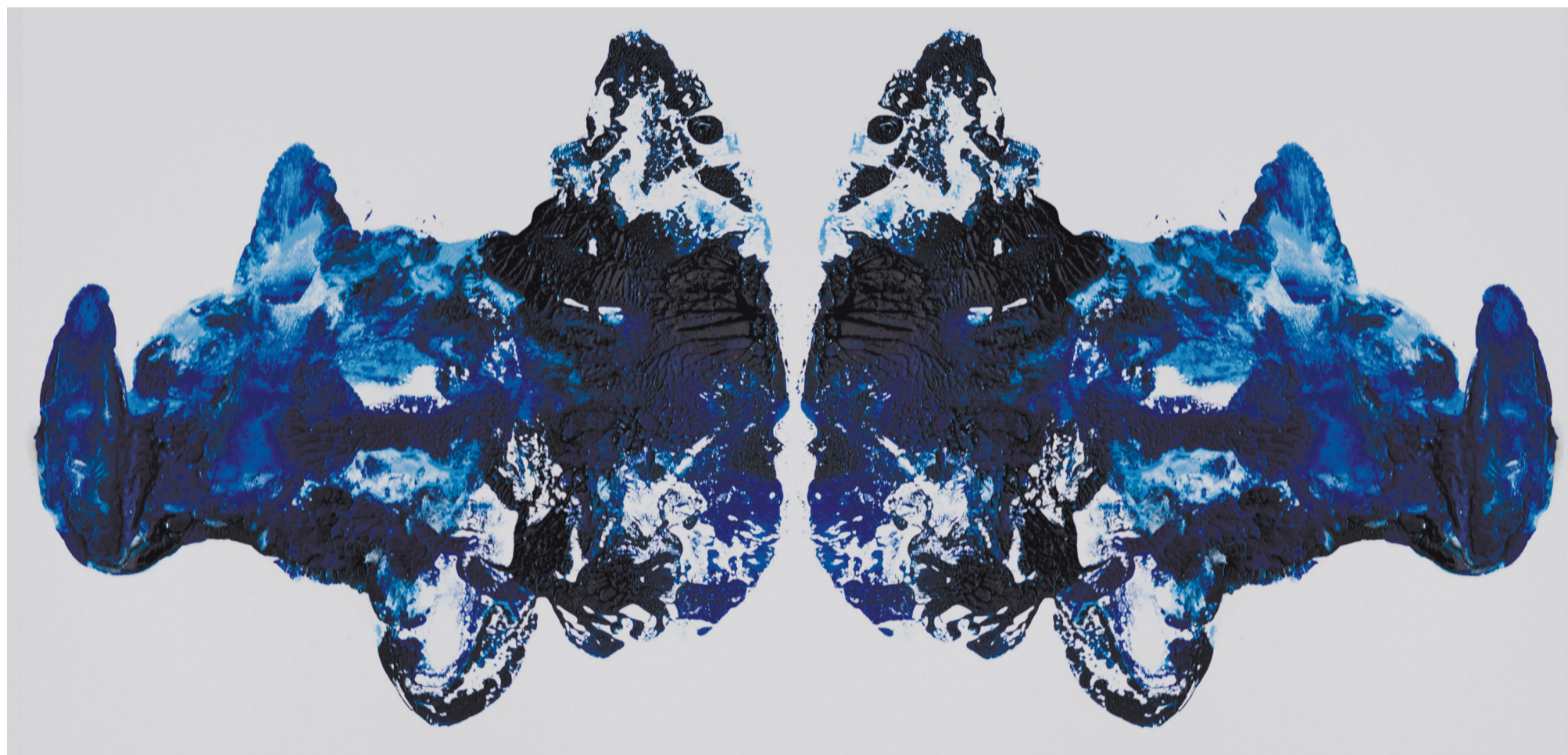


ESCOLA SECUNDÁRIA DE ALMEIDA GARRETT



Esta edição do jornal 'Melhor Escola' faz parte integrante da edição nº 1035, de 19 de fevereiro de 2022, do jornal O Gaiense
O conteúdo deste suplemento é de total responsabilidade da escola

AZUL



Minhas mãos ainda estão molhadas do azul das ondas entreabertas, e a cor que escorre de meus dedos colore as areias desertas. - Cecília Meireles

P.3

Azul Sincero em análise elequente pelo compositor Eurico Carrapatoso.

P.4

Joel Cleto, historiador, conta como vivemos rodeados por azulejos.

P.8

Os azuis da ESAG, reflexões dos alunos sobre um mundo azul.

P.10

Reportagem sobre a Cerâmica das Devesas, um olhar sobre um legado.

ISPGAYA
instituto superior politécnico



Cursos Técnicos Superiores Profissionais

Licenciaturas

Mestrados

Pós-Graduações

av. dos descobrimentos, 333
a 100m do gaiashopping
4400-103 santa marinha - v.n.gaiã
223 745 730 | info@ispgaya.pt



PUB



Um azul a preto e branco (uma espécie de editorial)

Quando a Rita Maia e eu pegamos na tarefa do Melhor Escola, ainda tivemos a veleidade de fazer igual. Explico - um jornal pequeno dentro do jornal principal. Igual. Mas nunca alimentamos a ideia. Não era bem o que somos. Já não sei bem o motor do que veio depois - o azul - mas acredito que tenha a ver com uma conversa sobre a cor dos olhos. Assim ficou. O nosso Melhor Escola vai ser azul. Gargalhada - o jornal é a preto e branco! Pois é, mas as palavras e as boas ilustrações não têm cor. Ou melhor, têm as cores todas.

A partir daí, foi procurar o azul nos alunos, na escola, em Gaia, em nós, enfim.

O que aqui se apresenta é um trabalho de alunos. Alunos de Artes e alunos de Ciências. Uns desenharam, outros escreveram. Não tiveram guiões, apenas a palavra AZUL a servir de mote. Há de tudo: lugares comuns, frases estafadas, metáforas

mortas. Mas também há muita emoção, muita beleza e arte pura.

Termos, apenas, três páginas com cor foi limitador, mas desafiante. Foi preciso induzir o azul nas ilustrações e nos textos, mas isso é também uma tarefa do leitor - procurar aquela cor onde ela não pôde estar.

Vamos lá, então, ler a cor azul.

Margarida Neto
Professora da ESAG

AZUL!

Porque és tão transcendental?

Com apenas quatro letras, mantiveste o equilíbrio entre as tuas vogais e consoantes!

Azul que te apresentas sempre exuberante, seja nas profundezas dos oceanos ou na imensidão dos céus!

Que és tão distinto na paleta da vida e que tantas emoções humanas despertas!

Azul que te situas entre o verde e o violeta,

Que com outra qualquer cor facilmente te maquilhas!

Azul que com o branco emocionas e exaltas paixões!

Que enche os corações, motiva as canções e fazes tantos de nós campeões!

Azul que pintas o planeta e serpenteias continentes!

Que alegras, que encantas!

Azul que embelezas a paisagem, a natureza, o firmamento!

Que influencias o meu pensamento!

Azul que inspiras poetas!

Que mobilizas sonhos!

Azul que encantas tantas sereias nos caminhos que percorremos!

Que adjetivas tantos de nós e tantas coisas no infinito universo!

Azul que me iluminas na condução da ESAG!

Que me dás motivação e a necessária tranquilidade.

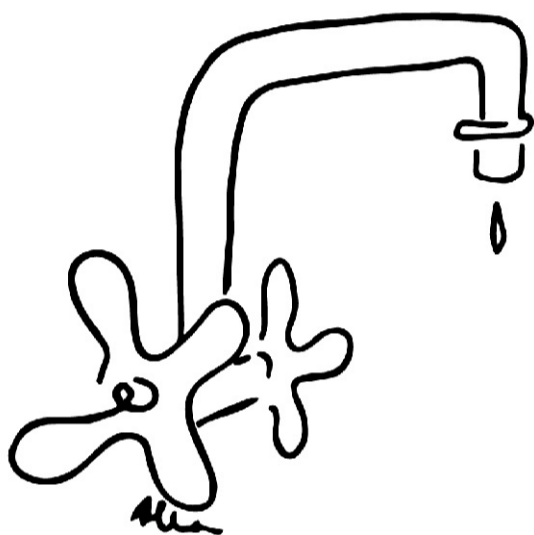
AZUL!

Porque te venero e porque és fundamental...

Paulo Mota
Diretor da ESAG

Tons de azul sincero

segundo o compositor Eurico Carrapatoso



Na casa onde nasci, o lavatório tinha torneiras com as cores trocadas. Azul era a da água quente. Vermelha era a da água fria.

Desde criança que associo, talvez por isso, azul a calor e vermelho a frio. Parece indefensável, mas assim é.

Isto que vos confesso é uma manifestação tangível da preciosa diversidade humana. Todo o catálogo exacto de cores que o compositor francês Olivier Messiaen esgrimia ao escutar acordes numa atitude professoral de suma clareza, ex-cathedra, passa-me ao lado e cala em mim uma ausência vermelha de cumplicidade, uma sensação escarlate de gélida indiferença. Messiaen parte de premissas fundamentais da associação do calor ao vermelho irisado e do frio ao azul hialino, daí prosseguindo, é bem verdade, para elaborações cada vez mais complexas. Eu venho em sentido contrário, gesticulando as minhas velhas torneiras trocadas.

Afirmo-o com uma calorosa sinceridade, isto é, uma sinceridade azul, que a sinestesia, matéria poética importante, bem sei, parte do universo de ectoplasmas psicológicos que cada um, no segredo da sua existência e na fábrica das suas fantasias, efabula.

O azul é o que cada um quiser que seja no seu código catártico de cores. Sou daltónico? É possível. Mas também é para o lado em que durmo melhor.

A pianista Anne Kaasa pediu-me uma intervenção pública sobre as relações entre a música de Bach e a pintura de Escher. Respondi-lhe assim, em tons de azul sincero:

“Agradeço muito o teu convite. Lamento, por razões estritamente pessoais, não poder aceitá-lo. Explico-me: não acredito na relação entre artes diferentes, como a pintura e a música, embora saiba que haja muitas pessoas que, de uma forma subjectiva a que têm direito, naturalmente, mas que, sendo subjectivas, são de magra relevância filosófica, achem correspondências entre essas diversas formas de expressão e façam entre elas cruzamentos e outra sorte de ilacções ao sabor de suas fantasias. Portanto, por uma questão de princípio, vou declinar o teu convite para achar equivalências entre Bach e Escher, mesmo que Escher usasse, como sabemos, a música de Bach para se inspirar e lhe tivesse dedicado tantos dos azuis cerebrais da sua sensibilidade sinestésica que, na minha, correspondem, bem pelo contrário, ao vermelhão do cálculo, do contraponto racional, da proporção e da construção arquitectónica.”

“ACHAR EQUIVALÊNCIAS ENTRE BACH E ESCHER”

Escher usou a música de Bach para se inspirar? Bom para ele e para tudo o que, através de Bach, nos terá legado. Mas essa foi uma subjectividade que nele começou e que nele deve acabar.”

Sophia de Mello Breyner Andresen gostava do mar. E gostava do azul transparente que há na água do Egeu.

Eu gosto da terra. E gosto do azul que há no céu transmontano.

“Quando eu morrer voltarei para buscar / Os instantes que não vivi junto do mar”, gemeu a cítara de Sophia.

“Quando eu morrer voltarei para buscar / Os instantes que não vivi junto do lar”, reverberam as torneiras trocadas da minha infância na serra, nem que a Sophia fique vermelha. Ou azul, tanto dá.

Eurico Carrapatoso, compositor, Lx. 31.12.2021

O azulejo na História de Portugal e de Vila Nova de Gaia

“...o meu azul é esse. O azul da Esperança, sem o qual nós não conseguimos viver, porque é o azul da nossa atmosfera e do nosso planeta.” - Entrevista com Joel Cleto

Em que medida, considera que o azulejo português reflete a história de Portugal? É possível contar a história de Portugal a partir dos nossos azulejos?

Sim, é possível contar a história de Portugal a partir dos nossos azulejos, de duas formas. Por um lado, a história do azulejo português, em grande parte, começa apenas no final do século XV, da passagem do século XV para o século XVI, durante o reinado de D. Manuel. D. Manuel passava muito tempo em Évora que era quase uma segunda capital do país, portanto, a partir de Évora ele viajava muito, nomeadamente para o Sul, quer para o nosso, quer para o Sul de Espanha, e por isso, contactou muito com a tradição dos azulejos mouriscos, e como tal, a partir do fim do século XV, ele é o grande responsável pela divulgação do azulejo. E a partir daí, até os dias de hoje, o azulejo torna-se uma marca identitária, um dos grandes produtos pelo qual Portugal é conhecido em todo o mundo. E, portanto, no final do século XV, a História de Portugal acompanha a história do azulejo português, nos seus altos e baixos. Depois de todo o grande desenvolvimento sofrido no século

XVIII, decaiu bastante e depois, com o advento da industrialização, dos transportes, das comunicações, a partir dos séculos finais do século XIX, o azulejo português vai ressurgir, de novo, e, portanto, podemos dizer que a partir do século XV, a história do azulejo de alguma forma acompanha a História de Portugal.

Por um outro lado, indo mesmo às origens do nosso país, reivindicando muito as suas origens cristãs, a verdade é que Portugal surge do cruzar de várias culturas e de várias religiões, do cristianismo, mas também dos mouros e dos judeus. O nosso país resulta de uma mescla de culturas e de religiões, todas elas deixaram as suas marcas e as suas heranças. Se pensarmos que, o azulejo chega até nós por influência da cultura islâmica, mourisca, então sim, desde as origens de Portugal, que temos essa influência.

Eu acho que podemos dizer que o azulejo conta a história de Portugal, porque efetivamente conta a história de Portugal, ou seja, se nós andamos pelos monumentos, pelas estações de caminho-de-ferro, por igrejas, por palácios onde existem azulejos portugueses, nós temos muitos azulejos com uma decoração geométrica, imitando mo-

“NÓS VIVEMOS RODEADOS POR AZULEJOS”

tivos vegetais com flores. Mas, uma das grandes características do azulejo português, é ser cenográfico, apresentar cenas. Muitos dos motivos dos painéis de azulejo, que nos aparecem em tantos sítios, são alguns religiosos, alguns mitológicos, mas muitas vezes, as cenas que nos são apresentadas nos painéis de azulejos são cenas da História de Portugal.

De que forma o azulejo se tornou uma marca forte de expressão da cultura portuguesa?

A religião islâmica não permite a representação de figuras humanas. Provavelmente, vocês já sabem disso das aulas de História e até sabem que muitas das antigas representa-

ções onde aparecia a figura humana eram destruídas pelos árabes, porque não lhes era permitido. E, portanto, os azulejos que o Rei D. Manuel vê e gosta, no Sul de Espanha, são azulejos mouriscos, árabes. Mas, eram só os azulejos com figuras geométricas. Ora, os portugueses vão desenvolver não só a técnica de produção de azulejo, mas também vão ser responsáveis por desenvolver e aperfeiçoar a questão do vidrado nas superfícies dos azulejos. Essa vai ser uma das marcas do azulejo português.

Nós vivemos permanentemente rodeados por azulejos, não é? O que para nós é tão banal que muitas vezes não nos apercebemos que, de facto, é uma coisa excepcional, fora da regra. Quando saímos de Portugal, vemos que é muito mais raro.

a fábrica das Devesas está ali mesmo ao lado.

Um outro fator importante é o facto de Gaia ter sido uma terra dos afamados artistas, pintores. Falo nisto devido ao envolvimento, desde o início da fábrica, de José Teixeira Lopes, que vai ser um dos seus dirigentes, transformando-a quase numa escola. Uma escola artística onde ele se apercebe dos operários que têm uma maior sensibilidade e lhes dá formação para a produção artística qualificada das cerâmicas, incluindo os azulejos.

Quais as fachadas ou painéis que mais aprecia em Gaia? Se tivesse que escolher apenas uma, qual escolheria?

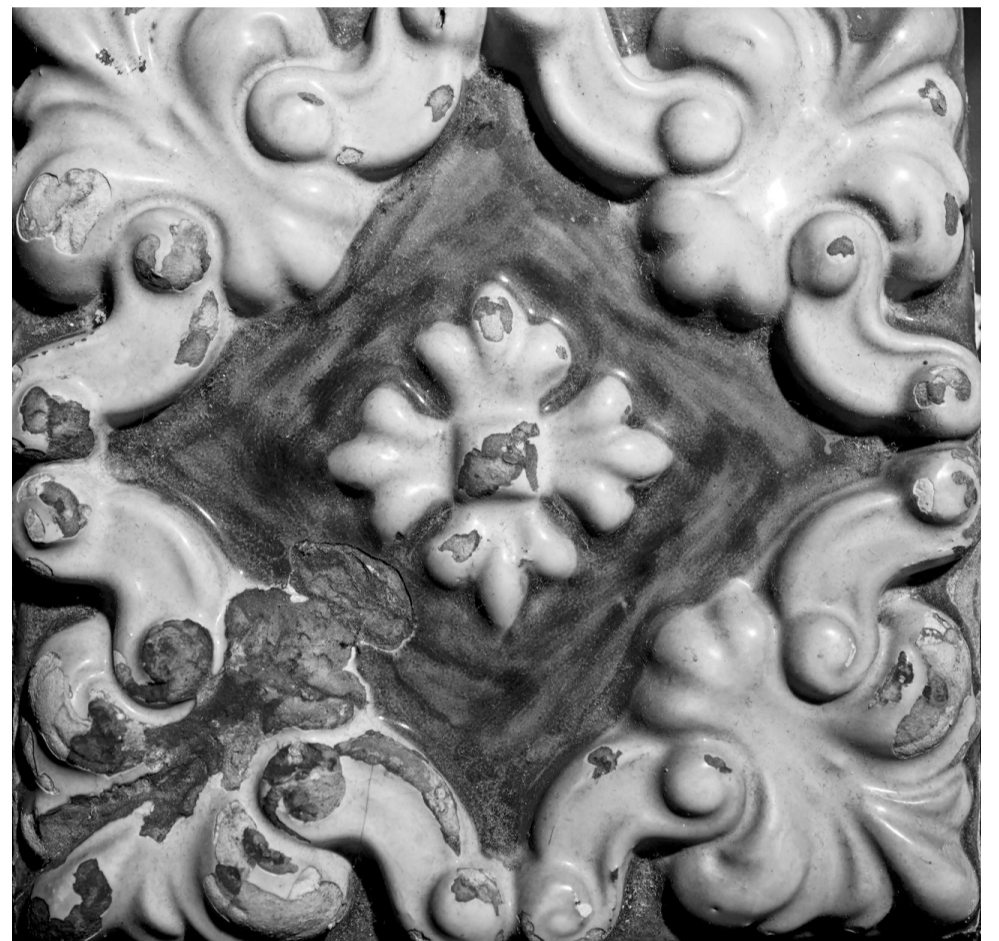
Se tivesse que escolher em Gaia, eu escolheria, provavelmente, os antigos painéis da fábrica das Devesas, por aquilo que eles representam. São, por um lado, um mostruário da capacidade que a fábrica tinha e do que produzia. Aí percebemos que era uma fábrica fabulosa na sua produção. Os próprios painéis apresentam-nos alguns dos artistas laborando no interior da fábrica e, por isso, acho que têm um significado acrescido para Vila Nova de Gaia. A nível nacional, eu confesso que dentro dos painéis de azulejos fantásticos... Claro que, como eu sou tripeiro, sou do Porto, faz parte da minha identidade, desde pequenino fascinar-me com os azulejos da Estação de São Bento. Também não poderia deixar de, por exemplo, dar alguns testemunhos de painéis de azulejos muito recentes. Por exemplo, o painel de azulejos, que também me diz muito, do mestre Júlio Resende, no interior da sala das sessões da Câmara Municipal de Matosinhos. É um painel de azulejos que narra a lenda da origem de Matosinhos, está relacionado com os Caminhos de Santiago. Também gosto muito dos painéis de Júlio Resende que ele colocou no interior do Estádio do Dra-

“FICO TOCADO COM ESTE OURO SOBRE AZUL EM IGREJAS E PALÁCIOS. TREZENTOS ANOS DEPOIS, CONTINUA A TER IMPACTO”

gão, com um enorme dragão. Ou, se quiserem, o painel de azulejos muito colorido que temos na popularmente designada, Praça Santa Teresa, na Praça Guilherme Gomes Fernandes, no Porto, da Joana Vasconcelos. É um painel de azulejos fantástico. Tudo isto são marcas contemporâneas e atuais, e que nos mostram que o azulejo continua a ser uma tradição e uma marca portuguesa.

Para terminar, e tendo em conta que, o étimo da palavra azulejo, azul, é o tema transversal da nossa edição do jornal, qual é o seu azul?

O meu azul, é o azul do céu. É o azul que nos envolve. É um azul sem o qual nós não conseguimos respirar e viver. O meu azul é também, o azul do Futebol Clube do Porto. Obviamente, o meu clube de afeição. É o azul de uma cor que está profundamente ligada à História de Portugal. Eu sou assumidamente republicano, mas tenho muita pena que as cores da bandeira portuguesa tenham sido alteradas, porque durante séculos e séculos, a nossa bandeira era azul e branca. Por isso é que o Futebol Clube do Porto, quando nasceu, ainda na monarquia, assumiu aquelas cores, que eram as cores nacionais. Portanto, o meu azul é esse. O azul da Esperança, sem o qual nós não conseguimos viver, porque é o azul da nossa atmosfera e do nosso pla-



neta. Houve um famoso astrónomo chamado Carl Sagan, autor da série Cosmos, foi um grande divulgador da ciência, e esteve envolvido numa importante missão espacial; naves que ainda estão a funcionar, mas já estão fora do nosso Sistema Solar, são os objetos que o homem produziu que estão mais longe Terra, as naves chamadas Voyager. Quando, no final dos anos 70-80, as Voyager passaram perto de Saturno, estavam programadas, por um pedido de Carl Sagan, para quando estivessem em Saturno, voltassem as câmaras, exatamente para trás e fotografassem a Terra. Saturno é enorme e para nós é

um ponto pequeníssimo no espaço. Agora vejam o que é a Terra, que é muito mais pequena. Quando a câmara fotográfica se voltou para trás e fotografou a Terra, naquela imensidão escura e de estrelinhas, luzinhas brancas e amarelas a brilhar, estava lá no meio um pontinho azul. O nosso planeta é o planeta Azul. Quem quer que explore o Sistema Solar acaba por ver o azul. Portanto, nós somos essencialmente o azul.

Entrevista das alunas do 12.ºD:
Joana Rocha
Marisa Pregal
Vanessa Soares



Por exemplo, e vocês se calhar já viram isso, vejam o deleite, o espanto dos turistas quando chegam, nomeadamente, aqui ao Porto e também a Gaia nas Devesas, e perdem imenso tempo a fotografar junto ao piolho a Igreja do Carmo, a Rua Santa Catarina, a Capela das Almas e a Estação de São Bento, que é considerada uma das 10 mais belas estações ferroviárias do mundo, e é um belíssimo projeto de arquitetura do Arquiteto Marques da Silva do início do século XX. Mas, cá entre nós, como é óbvio, se ela é considerada uma das 10 mais belas estações ferroviárias do mundo não é por causa da arquitetura do Marcos da Silva, mas por causa dos painéis de azulejo do Jorge Colaço, autor fabuloso, que fez aqueles painéis de azulejo. É isso que dá fama internacional à Estação de São Bento.

E, de facto, o azulejo tornou-se uma marca portuguesa. E o país é conhecido mundialmente pelos seus

azulejos, particularmente aqueles que nos apresentam sendo figurados. Por isso é uma marca identitária portuguesa.

Como é que Vila Nova de Gaia acaba por ter uma posição tão destacada na azulejaria portuguesa? Como é que uma pequena Vila, que na altura não tinha tanta projeção e condições como tem agora, entra na rota do azulejo?

Isso tem a ver com uma tradição de cerâmica em Vila Nova de Gaia. Desde o século XVIII, antes ainda de chegarmos ao azulejo, Gaia vinha protagonizando, do ponto de vista industrial, um desenvolvimento das indústrias cerâmicas. Ainda para mais, sabemos que mesmo em épocas anteriores à Revolução Industrial, já havia alguma tradição artesanal de cerâmica em Gaia. Lu-

gares como Coimbrões, com gente que veio da zona de Coimbra, Oleiros de Coimbra, que ali se fixaram e vários topónimos, nomes de lugares, como “Barreiros” remetem-nos para uma tradição que já existia de produção de olaria. E os famosos bonequinhos das cascatas de São João, de Avintes e de outros lugares, provam que, de facto, já havia alguma tradição artesanal.

Na 2ª metade do século XIX assistimos ao desenvolvimento da revolução industrial “do vapor” e houve em Gaia um incremento da produção cerâmica com várias fábricas, algumas que até nascem no Porto, mas que depois se mudam para Gaia. Existem também algumas fábricas que se vão especializando numa cerâmica mais cuidada e ainda outras que se iam especializando em cerâmica de construção: telhas, tijolos, tubos de grés. Enfim, há de facto toda uma tradição que se vai formando em Gaia em torno da cerâmica.

E é em Gaia que algumas destas fábricas vão juntar, no fundo, estes dois mundos. Por um lado, o mundo do conhecimento da produção de cerâmica, dos tijolos, das telhas, com outro mundo, que é o mundo dos ceramistas mais artísticos. A fábrica das Devesas, fundada em 1860, é um bom exemplo disso. Este conhecimento de produção do ponto de vista industrial, com grandes fornos, é conjugado com a capacidade dos artistas, quase artesãos, que produzem cerâmica.

Um dos grandes motivos impulsionadores do desenvolvimento da cerâmica em Gaia é o acesso ao barro que havia no território gaiense. Ao contrário do que aconteceu na Primeira Revolução Industrial, durante a qual as fábricas se instalavam no mundo rural por estarem dependentes da energia dos rios, no século XIX, com a utilização do carvão, as fábricas foram construídas nos lugares aonde o carvão pudesse chegar com mais facilidade. É por isso que vamos assistir ao desenvolvimento industrial nas margens do Douro. Porque o carvão vem de dois sítios, ou vem de São Pedro da Cova, ou vem, fundamentalmente, de Inglaterra em barcos. Daí a localização das fábricas junto das margens de um grande rio através do qual chegue o carvão.

Outro motivo acrescido, ainda com estas questões dos acessos a transportes, é a localização das linhas de ferro. O comboio é agora a grande marca da modernidade. Pode trazer o carvão e as matérias-primas e, acima de tudo, pode levar facilmente a produção para outros lugares. A fábrica das Devesas foi estrategicamente colocada junto daquela que vai ser, durante bem mais de uma década, a grande estação ferroviária do Norte. Isto porque, até que em 1877 se consegue construir a Ponte Maria Pia, o comboio não chegava ao Porto. Por isso, durante anos, a estação das Devesas é a grande estação do Norte do país. E

SONETO DO DESMANTELO AZUL

Então, pinte de azul os meus sapatos
por não poder de azul pintar as ruas,
depois, vesti meus gestos insensatos
e colori as minhas mãos e as tuas,

Para extinguir em nós o azul ausente
e aprisionar no azul as coisas gratas,
enfim, nós derramamos simplesmente
azul sobre os vestidos e as gravatas.

E afogados em nós, nem nos lembramos
que no excesso que havia em nosso espaço
pudesse haver de azul também cansaço.

E perdidos de azul nos contemplamos
e vimos que entre nós nascia um sul
vertiginosamente azul. Azul.

Carlos Pena Filho (1929-1960)

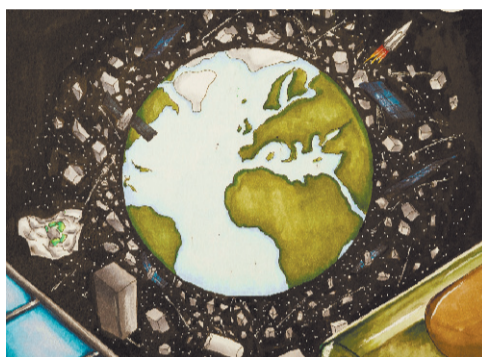


Guilherme Carvalho 12.ºA

Sinto a tua presença da mesma maneira que sinto o ar quando respiro. Por um lado, és insignificante e quase não percebo que estás lá, mas, por outro, és algo tão magnífico que me corta a respiração.

Presente em todas as coisas e em coisa alguma, estás espalhado pelas nossas vidas sem a nossa perceção. Gostava que te materializasses para eu me desculpar cara a cara, pedir-te perdão por todas as vezes que me acalmaste a emoção, por todas as vezes que me sossegaste o olhar, que me puseste uma mão no ombro e, novamente sem me aperceber, comecei a apreciar. Usei-te como um objeto no fundo da cena, um mero figurante nesta minha complicada vida, aproveitei-me da tua tonalidade, tomei-te como conseguida, assegurando a minha tranquilidade.

Como não o posso fazer, limito-me, apenas, a desvendar cantos e recantos de onde a tua cor pode ressaltar, vejo-te no céu a cobrir tudo e todos, no mar a sustentar os mesmos, nas sombras a persegui-los e a guardar as suas memórias, nos olhos dela a observar e a contemplar outras partes tuas espalhadas pelo o nosso quotidiano; vejo-te no cabelo da rapariga sentada à minha frente na sala de aula e na camisa da outra, atrás de mim, nos cadernos da minha sala e todos os dias quando escrevo o sumário, embora dormindo todos os dias neles. Só agora reparo que até nos lençóis enrolados estás presente! Este meu itinerário, esta indecente rotina de desesperada perseguição entre o meu olhar e os teus tons fez-me escrever este enrodilhado de cenas à “Artista”. Espero um dia voltar a escrever-te ou, quem sabe, a um amigo teu pois sei que conheces mais seis, que, a meu ver, também merecem uma desculpa expressa em papéis.

**Lara Martins 12.ºC**

Azul é a cor da tranquilidade
Também da harmonia
Olhas para o céu
Tão longe do infinito
À procura da fantasia
Encontras a cumplicidade
De um amor tão bonito.

Bruna Martins 12.ºC

Azul, a cor do mar e do céu. Com ele vem a tranquilidade e o sonho que nos leva para onde pretendemos e faz-nos viver. Azul, a cor que nos inspira a crescer e a pensar sem rumo, sem direção tal como o céu e o mar nos fazem sentir. Para viver em tranquilidade e harmonia é só pensar no azul e tudo se transforma como por magia.

**Maria Inês Nogueira, 12.ºC**

Se olharmos à nossa volta podemos constatar que o azul é das únicas cores que, nos seus inúmeros tons, está presente nas mais variadíssimas coisas que fazem parte do nosso quotidiano, coisas que às quais, muitas vezes, nem prestamos a devida atenção e em que a utilização de determinadas cores apresenta um profundo significado, não sendo o azul uma exceção à regra.

Para mim, e dependendo do contexto, a cor azul pode apresentar diversos significados e despertar-me diferentes emoções e sensações. Em termos clínicos, por exemplo, não é uma cor que me diga rigorosamente nada, no entanto, quando se trata de moda, funciona para mim quase como o preto, combina e vai bem com tudo.

No que toca às suas vastas tonalidades, também as consigo associar a diferentes emoções, sensações e até mesmo estações do ano; enquanto vejo o azul marinho ou o azul Oxford como representações da tristeza e da escuridão, como sendo tonalidades que me transmitem desconforto, apreensão e que relaciono principalmente com o inverno, já o azul bebé e o azul turquesa, vejo-os como símbolos de libertação, de leveza, de felicidade e de conforto, sendo tons que me transmitem paz e calma, associando-os essencialmente ao verão e à primavera.

Desta forma, é possível concluir que uma singela tonalidade de uma cor tão versátil como o azul pode, por si só, apresentar inúmeros e tão profundos significados que são vistos e interpretados de diferentes formas de pessoa para pessoa, sendo essa interpretação algo muito subjetivo e pessoal.



Os azuis ES





Ana Beatriz Leite, 12.ºC

A cor azul sempre foi uma cor muito ligada à depressão, à frieza e à monotonia mas, por alguma razão, é considerada a cor favorita por muitas pessoas, até mesmo por mim. Esta cor apesar de ter ligação com um lado mais frio, até porque é considerada uma cor fria, traz paz, ordem e, até mesmo, harmonia. Normalmente, quando pensamos na cor azul, pensamos ou no mar ou no céu e estes apesar de estarem ligados à paz e à leveza também se tornam frios e descontrolados, tal como as pessoas, uma vez que todos temos dias piores e dias melhores, e tal como a cor azul que acaba por ter significados completamente distintos.



Tomás Campos, 12.ºE

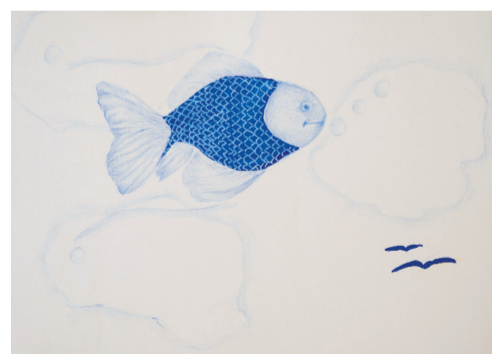
Deitei-me na relva
Senti-me livre como um leão na selva.
Olhei para o céu
Ouvi o mar ao fundo.
O céu estava azul
O sol estava a brilhar
Ouvir o mar ao longe
Apenas me fazia lembrar
Os tempos de criança onde apenas sabia brincar.
Com nada eu tinha de me preocupar.
São as memórias de infância que o mar me faz recordar.
E, em dias de chuva, apenas penso
Que o céu está a chorar.
Há algo que o está a atormentar.
Algo de que não consegue falar.
As lágrimas são as palavras de quem não consegue conversar.
O céu é o refúgio de quem precisa parar.



uis da AG

Mafalda Correia, 12.ºC

A cor azul significa tranquilidade, serenidade e harmonia, mas também pode estar associada à frieza, monotonia e depressão. Quando penso nesta cor, lembro-me do céu que pode conter o simbolismo do infinito, ou seja, a felicidade assemelha-se ao azul deste elemento natural que vemos e admiramos, mas que ninguém pode alcançar ou tocar. O azul é muito mais que uma cor. Ela pode ser o significado dos sonhos e desejos e a alegria que enche a nossa vida.



Aida Silva, 12.ºC

O azul é a cor da água, do mar, do céu e cor do meu clube de futebol. Simboliza para mim, a paz, tranquilidade, amizade, confiança e fidelidade. É uma cor fria, mas, para mim, é quente, por isso é uma das minhas cores preferidas. Palavra com quatro letras, tal e qual como amor. Azul é um condutor da corrente elétrica.



Adriana Pires, 12.ºC

A cor azul, para muitos está associada a calma, simpatia, harmonia e fidelidade e, para além disso, é também a cor de todas as virtudes intelectuais: sabedoria, inteligência, ciência, controle, concentração e independência. No entanto, o azul também tem um aspeto negativo, pois pode parecer frio, triste e depressivo. É a cor favorita de 45% das pessoas do mundo, incluindo a minha, e é a cor mais popular em todas as civilizações. A maior parte das pessoas quando imagina a cor azul pensa imediatamente no céu, ou até no mar, mas, hoje em dia, para além de pensar nisso, também me vem à cabeça as máscaras cirúrgicas que usamos para nos protegermos do Covid. Infelizmente, é um acessório indispensável ao qual recorro todos os dias, mesmo quando não combina com a roupa.



Tiago Sobral, 12.ºC

Para mim o Azul é...
...aquilo que nos rodeava,
a serenidade agressiva
do infinito mar
onde a gente navegava.
...aquilo que nos rodeia,
o sorriso tapado,
o relacionamento cortado
que toda a gente odeia.
...aquilo que nos rodeará,
o misterioso céu infinito
o qual eu acredito
que a gente um dia desbravará...

Cerâmica das Devesas

azulejos em ruínas, um legado por continuar

É indiscutível a importância do azulejo na cultura portuguesa e, dessa importância, um bom pedaço é da responsabilidade das Cerâmicas de Vila Nova de Gaia. Uma delas, a Cerâmica das Devesas, ainda persiste na memória de todos que têm na casa de uma avó, ou bisavó, um quadrinho de azulejo ou uma saboneteira que de lá saíram.

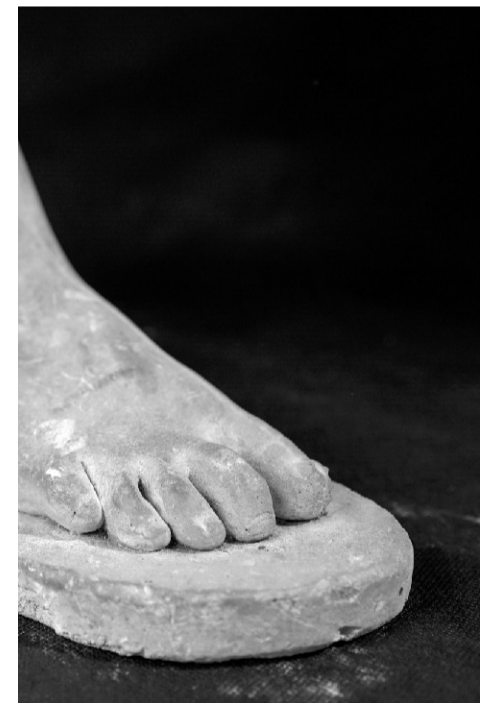


O azulejo chegou a Portugal no final do século XV durante o reinado de D. Manuel I, numa das suas viagens a Espanha. Portugal aprendeu o método de fabrico e de pintura, influenciados pelas culturas chinesa e holandesa, e o azulejo português tornou-se das marcas de expressão mais fortes da sua cultura. Durante muitos anos, foi considerado um meio de distinção social, até que a produção em massa na Cerâmica das Devesas possibilitou que existisse pelo menos um exemplar em cada casa portuguesa.

As ruínas da antiga Cerâmica das Devesas situam-se em Vila Nova de Gaia, no distrito do Porto. Foi fundada por volta de 1860, por António Almeida da Costa (outrora canteiro e aluno de Emídio Amatucci, ajudante de escultura nas obras do Palácio da Ajuda) e gerida por este mesmo, Feliciano Rodrigues da Rocha e José Joaquim Teixeira Lopes, principal artista da fábrica, responsável pela criação de um curso de desenho e modelação que influenciou uma geração inteira de artistas, dando origem à Escola Industrial Passos Manuel, em Vila Nova de Gaia.

A Fábrica da Cerâmica das Devesas encontra-se nas proximidades da Estação Ferroviária das Devesas e a sua localização está diretamente ligada a

esta infraestrutura, uma vez que a saída dos seus produtos era encaminhada diretamente para o embarque. Esta localização permitia ainda o bom uso da água e dos solos argilosos abundantes da região.



A Cerâmica fabricava produtos de boa qualidade e muito variados, o que levou a uma grande procura e, conseqüentemente, à criação de peças de diferentes materiais e tamanhos. Por ter ganho rapidamente prestígio, tornou-se a mais importante produtora de estátuas, azulejos, tijolos, telhas, louças e artigos em ferro e bronze, que se distribuíram amplamente em território nacional - podendo ser encontrados em edifícios como a Estação de São Bento,



a Igreja de Santo Ildefonso e a Igreja dos Congregados, na cidade do Porto – e além-fronteiras – como no Palácio de Windsor, em Inglaterra.

Eventualmente, devido ao crescimento do número de admiradores das peças fabricadas, António Almeida da Costa decidiu que a instalação necessitava de uma escola para que os seus artistas tivessem uma boa formação. Assim, foi criada a Escola de Desenho e Modelação para Oleiros em instalações da própria empresa. Sem contar com qualquer apoio estatal, assegurou a Sociedade de Instrução do Porto o suporte possível a esta iniciativa, através do acompanhamento da atividade da escola e da atribuição de prémios aos seus melhores alunos. O famoso escultor José Joaquim Teixeira Lopes (1837-1918) ofereceu-se para tomar a seu cargo a docência das aulas com o máximo empenho e dedicação, sem qualquer remuneração, que se traduziu em rápidos e palpáveis resultados na formação de uma nova geração de artistas.

O trabalho de Teixeira Lopes deu os seus frutos, a Escola de Desenho e Modelação conseguiu em menos de três anos que os seus alunos desenvolvessem de forma acentuada as suas capacidades técnicas. O impacto nas respetivas fábricas cerâmicas

foi assinalável. Teixeira Lopes passou a lecionar também a cadeira de Geometria Plana, valorizando assim mais as suas aulas para benefício dos seus alunos.

O seu enorme sucesso foi também conseguido através da publicidade dos seus catálogos e da presença de variadas peças em exposições nacionais e internacionais, tendo ganho inúmeras medalhas, nomeadamente uma de prata na Exposição Universal de Paris, em 1900.

Após a morte de dois dos seus gerentes, entre 1915 e 1918, a fábrica entra em decadência, passando ao fabrico exclusivo de materiais de construção civil, encerrando as suas atividades em 1980.



Na atualidade, existem ainda vestígios de uma imponente parede de azulejos do tipo Arte Nova que servia como mostruário ao público que passava nas suas imediações. Contudo, a maior parte do material exposto foi roubado para venda a colecionadores, nomeadamente na Feira da Vandoma.

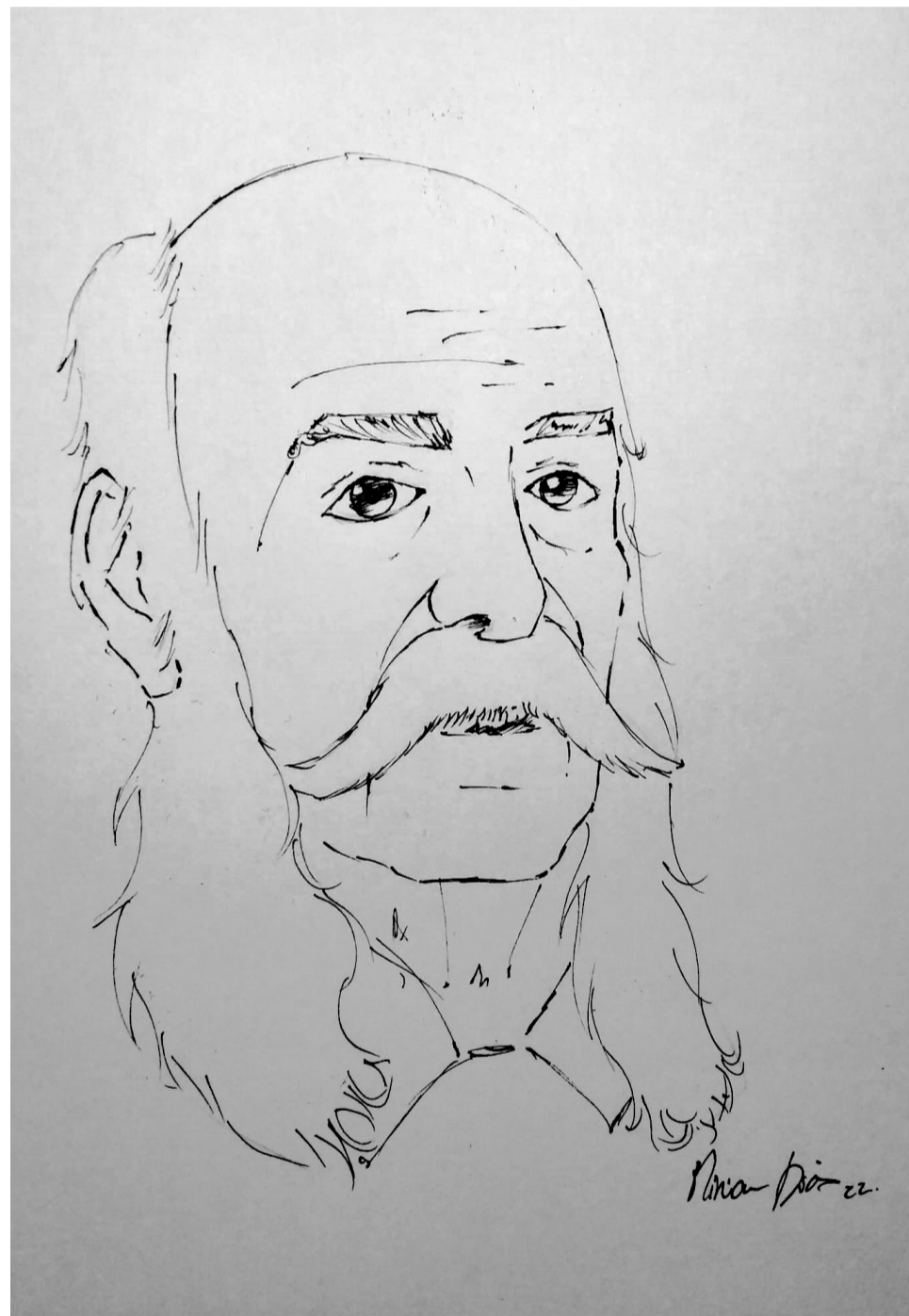
Apesar da sua história, o património industrial de Vila Nova de Gaia dará lugar a um museu sobre as alterações climáticas - “Gaia Museu-Am-

biente” - projeto elaborado com o intuito de combater a urbanização do local e preservar a sua fachada. Esta iniciativa terá um custo monetário na casa dos milhões de euros.

“Temos muito boas expectativas quanto a esta obra e ao que pode

gerar. Será o segundo museu do género na Europa”, afirmou o presidente da Câmara de Vila Nova de Gaia, Eduardo Vítor Rodrigues.

No entanto, mesmo que seja perdida a sua essência, o seu legado não pode cair em esquecimento.



António Almeida da Costa, fundador da antiga Cerâmica das Devesas

Reportagem dos alunos do 12.ºC:
Mariana Ferreira;
Maria Inês Nogueira;
João Martins;
Eunice Oliveira;
Maria Inês Lemos;
Nicolas Venditti;
Alexandra Amorim

Gaia Azul

percursos entre rio e mar



Gaia tem vindo a equipar-se, nos últimos anos, com percursos pedestres, ciclovias, parques, reservas naturais, que permitem um saudável contacto direto com a natureza.

A Rota da Água, que engloba a Rota do Atlântico e a Rota da Ribeira do Espírito Santo, com um smartphone e a ajuda de um áudio-guia, leva-nos a conhecer um imenso património, natural e monumental, que alia a atividade física à educação ambiental.

Outros percursos, como o trilho do rio Febros e o da Serra de Canelas, mais antigos mas sempre muito utilizados, juntamente com os belos parques de Gaia - Parque Biológico, Parque da Lavandeira e Zoo de Santo Inácio – tornam este concelho único no que respeita à beleza natural.

Nuno Castendo, 12.ºA

Alexandre Amorim, 12.ºA



As bandeiras azuis de Gaia

O Galardão da Bandeira Azul, atribuído anualmente às praias que cumpram um conjunto de critérios de natureza e sensibilização ambiental, bem como a segurança e conforto dos que a frequentam, é um dos aspetos que mais associamos à cor azul em Vila Nova de Gaia. São 20 as localizações do concelho reconhecidas com esta honra, onde se incluem, por exemplo, Lavadores, Salgueiros e Granja. Há já vários anos que a manutenção, e a melhoria, das condições das praias de Vila Nova de Gaia faz com que este concelho seja uma presença assídua entre outros que têm 'praias

de ouro' e o ano de 2021 não escapou à regra, tendo Gaia repetido o pleno das bandeiras azuis, sendo o segundo concelho do país com mais praias distinguidas, só ficando atrás de Albufeira.

Diogo Soares, 12.ºD



Águas, azuis, de Gaia

Dedicada a 100% ao tratamento, fornecimento e drenagem de água, "Águas de Gaia, EM" contribui, não só para a vida quotidiana de qualquer gaiense, mas também para a despoluição do rio Douro e consequente redução do impacto no ambiente. Fundada em 1999, tem vindo a sofrer fusões com outras

empresas e vários aprimoramentos nos seus serviços. Em 2016, ocorreu a Internalização dos serviços do Parque Biológico na Câmara Municipal de Gaia. Recebeu várias certificações, tais como a 1.ª certificação do seu sistema de gestão nos referenciais da Qualidade e do Ambiente em 2001 e em 2003 em Segurança. No âmbito da 12.ª Expo Conferência da Água, que se realizou em novembro de 2017, a empresa municipal recebeu o prémio que destaca a "Qualidade Exemplar da Água para Consumo Humano.

Tomás Gonçalves, 12.ºD

Os projetos da ESAG

Considerando a escola como um todo, em cada ano que passa é imprescindível estabelecer / favorecer as parcerias com a comunidade envolvente, numa estratégia de promoção da alegria e de políticas saudáveis no espaço escolar.

O selo Escola Saudável 2021 - 2023, nível avançado, atribuído pela DGE, salientando-se uma prática de Saúde e Bem-Estar no seu projeto educativo pela vivência de um ambiente saudável para a Aprendizagem.



O selo Escola Amiga Da Criança - O mérito do trabalho desenvolvido na ESAG, pelos seus profissionais, pelos seus alunos, por toda a comu-

nidade escolar, foi novamente reconhecido, com a atribuição de 35 selos, nas mais diversas áreas, enquanto Escola Amiga da Criança.



O galardão Eco-escolas no âmbito da Sustentabilidade, foi atribuído pela 12.ª vez .

O projeto #BEACTIVE - a Educação Física e o Desporto harmonizam as componentes físicas e emocional, promovendo no aluno os valores da Responsabilidade, Autonomia e Solidariedade: pilares fundamentais na formação do aluno para a vida ativa.



O projeto Voluntariado e Solidariedade corresponde a um conjunto de ações de cariz social com o objetivo de potenciar nos alunos uma formação humanitária para a cidadania, mediante o desenvolvimento do espírito de ajuda e solidariedade na comunidade escolar e envolvente.

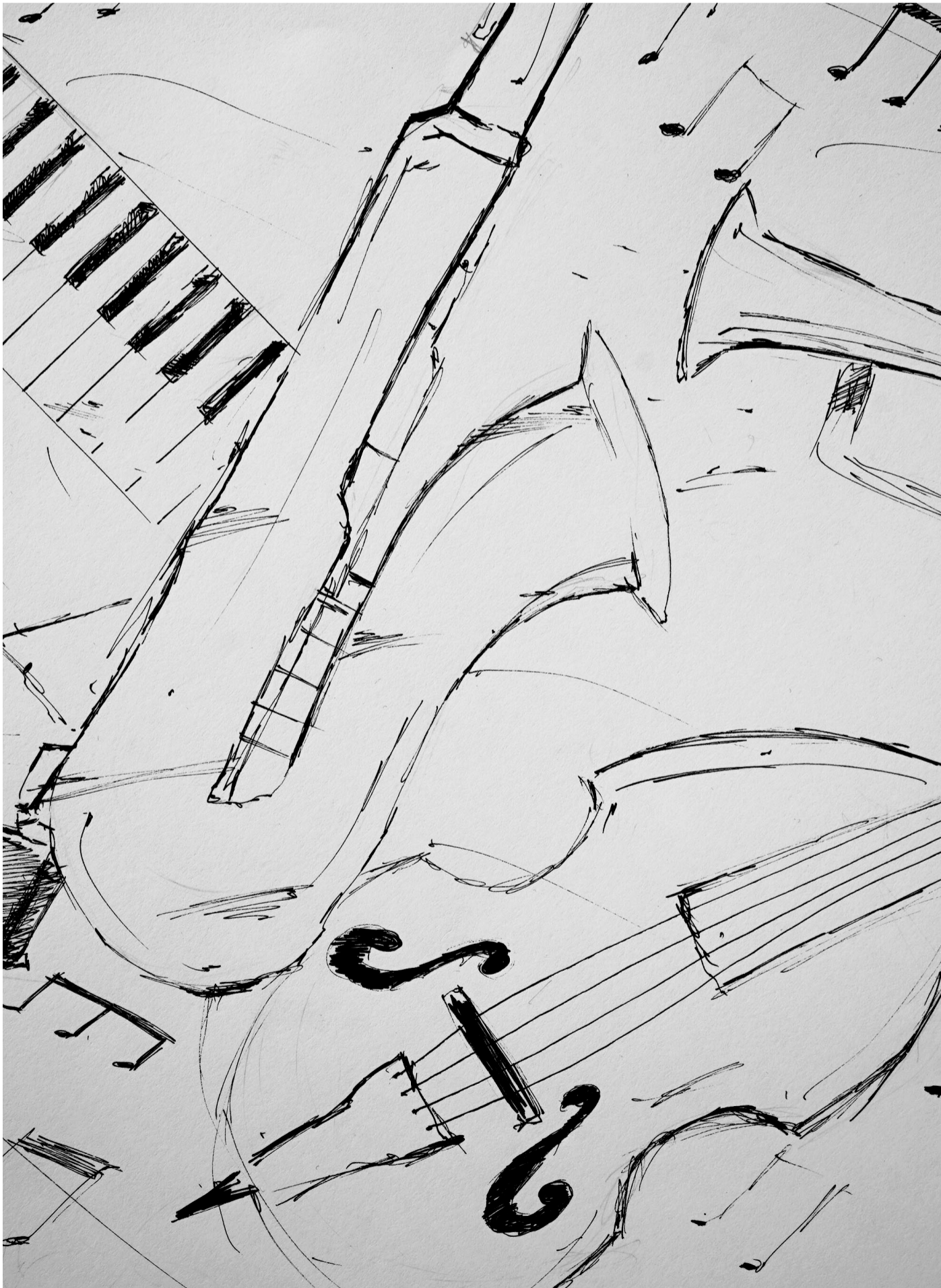
Melhorar a Aprendizagem, as Literacias e a Equidade em Saúde e Educação, gerir as Questões Sociais e otimizar a Eficácia da Escola, pressupõe, em suma, uma união de múltiplos esforços, desde o Serviço de Psicologia e Orientação, às equi-

pas do Projeto Educação para a Saúde, das Eco-Escolas, do Plano Nacional das Artes, da Biblioteca e Desporto Escolar, do Projeto Garrett Voluntário e Solidário, sem desprimorar outras ações de Áreas/Grupos mais isolados.

Helena Barros
Professora da ESAG

Blues

o azul na música



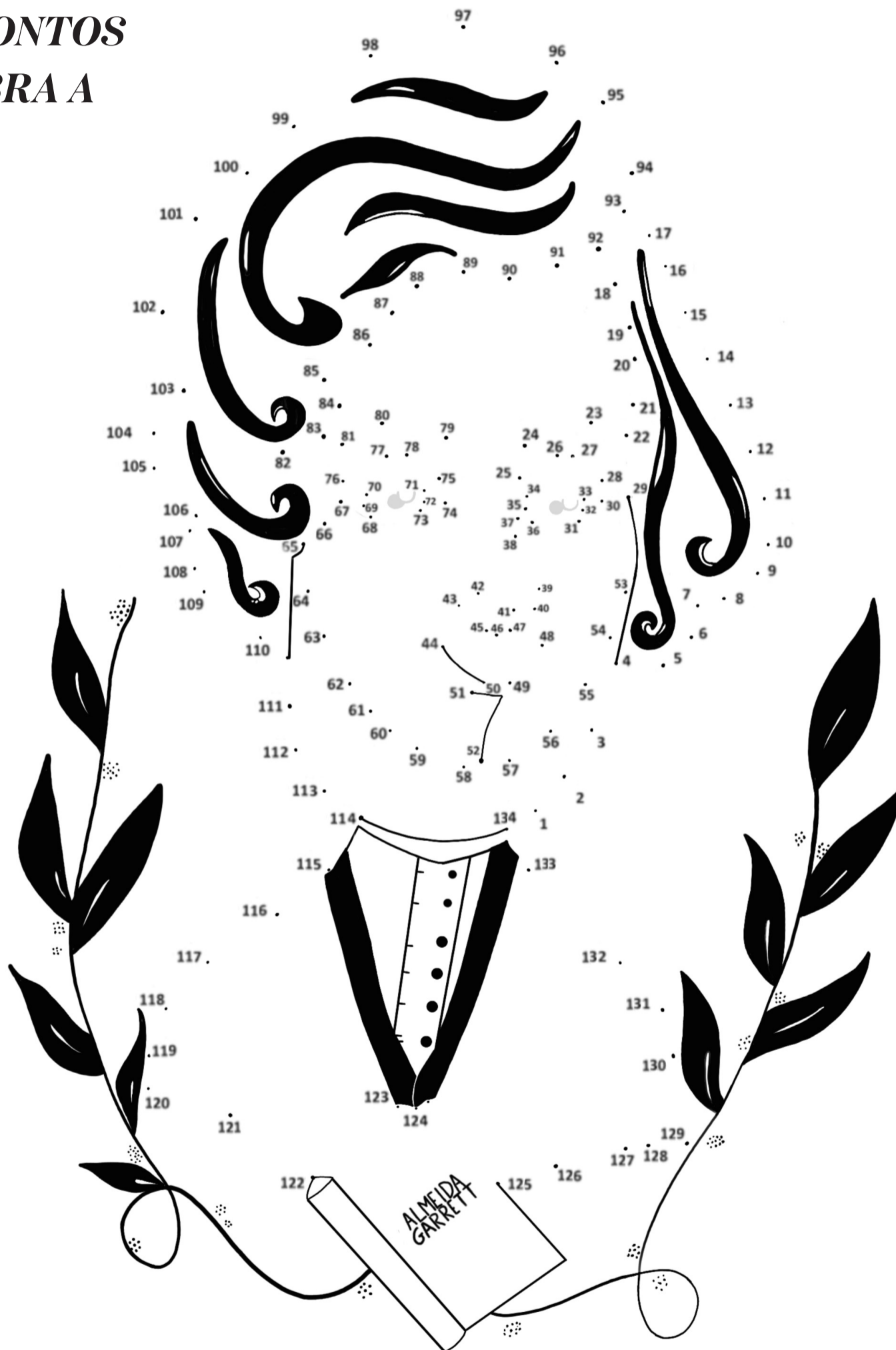
O *blues* é um género musical desenvolvido entre os séculos XIX e XX pela população Afro-americana. Acredita-se que ex-escravos fizeram surgir este género enquanto trabalhavam arduamente em plantações, após a Guerra Civil Americana. Ao cantar estas canções de carácter melancólico e irónico, aliviavam o cansaço do trabalho duro que realizavam e aumentavam a produtividade através do ritmo assente que os estimulava, dando, assim, origem ao *blues*.

A palavra “blue”, na língua inglesa, para além de significar “azul”, significa também “depressivo” e “triste”, refletindo, assim, o espírito e carácter deste género musical.

O *blues* é um dos principais pilares da música popular, tendo influenciado diversos géneros, como o jazz, o country, o rock e o pop. Um estilo tão simples, mas tão único, tão espontâneo e tão importante na história da música.

Beatriz Dias Santos, 12.ºC

UNA OS PONTOS E DESCUBRA A FIGURA



Ficha Técnica

coordenação

Margarida Neto, Rita Maia

redação

Paulo Mota, Helena Barros, Margarida Neto, Eurico Carrapatoso, Carlos Pena Filho, Cecília Meireles; 12.ºA: Alexandre Amorim, Guilherme Carvalho, Nuno Castendo; 12.ºC: Adriana Pires, Aida Silva, Alexandra Amorim, Ana Beatriz Leite, Beatriz Dias Santos, Bruna Martins,

Eunice Oliveira, João Martins, Lara Martins, Mafalda Correia, Maria Inês Lemos, Maria Inês Nogueira, Mariana Ferreira, Nicolas Venditti, Tiago Sobral; 12.ºD: Diogo Soares, Joana Rocha, Marisa Pregal, Vanessa Soares, Tomás Gonçalves; 12.ºE: Tomás Campos

ilustração/desenho

Rita Maia (capa), Margarida Allen; 12.ºA: Alexandre Amorim, Ana Rocha, Asia Kusenko, Beatriz Bravo, Catarina Burley, Daniela Lemos, Helena Maia, Iris Esteves, Jéssica Menezes, Luana Sousa, Mariana Leite, Marta Silva, Miriam Dias, Sofia Araújo

fotografia

Alexandre Amorim, Inês Corrêa Ferreira, Nuno Castendo; Google; espólio gentilmente cedido por Augusto Pires, membro da apelga

design e edição de imagem

Margarida Allen

SUPER-HIDRO



EU SOU O SUPER-HIDRO, O SUPER-HEROI QUE TE AJUDA A PRESERVAR O BEM MAIS ESSENCIAL A VIDA: A ÁGUA!

/aguasgaia

aguasgaia.pt

info@aguasgaia.pt



ÁGUAS DE GAIA
EMPRESA MUNICIPAL, SA